UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

CAROLINNE TAVEIRA DE MELO

Ele iria bater-lhe novamente? Um estudo sobre submissão, identidade, solidão e silêncio, em Ponciá Vicêncio

CAMPINA GRANDE
2017

CAROLINNE TAVEIRA DE MELO

ELE IRIA BATER-LHE NOVAMENTE? UM ESTUDO SOBRE SUBMISSÃO, IDENTIDADE, SOLIDÃO E SILÊNCIO, EM PONCIÁ VICÊNCIO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino

CAMPINA GRANDE
2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528i Melo, Carolinne Taveira de.
Ele iria bater-lhe novamente? um estudo sobre submissão, identidade, solidão e silêncio, em Ponciá Vicêncio [manuscrito] : Um estudo sobre submissão, identidade, solidão e silêncio, em Ponciá Vicêncio / Carolinne Taveira de Melo. - 2017.
36 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação : Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino , Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Conceição Evaristo. 2. Feminismo negro. 3. Identidade. 4. Literatura contemporânea.

21. ed. CDD 305.4

CAROLINNE TAVEIRA DE MELO

***Ele iria bater-lhe novamente?* Um estudo sobre submissão, identidade, solidão e silêncio, em Ponciá Vicêncio**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Aprovada em: 14/12/2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof. Dr. Anacã Rupert Moreira Cruz e Costa Agra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Profª. Drª. Ana Lúcia Maria de Sousa Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha avó Maria (*in memoriam*): Meu eterno amor, sem esquecimentos.

À minha avó Benedita: Meu amor e minha gratidão.

E aos meus pais, Luciana e Carlos, meus exemplos, a minha eterna gratidão e o meu amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Luciana, minha imagem forte e maravilhosa de mulher, e ao meu pai, Carlos, um ser de coração imensurável, pelo amor, dedicação e paciência. Agradeço por respeitarem meus muitos silêncios e pela força e esperança que depositaram e depositam em mim até hoje – espero: até sempre. Sou extremamente grata por tê-los como meus pais.

Aos meus irmãos: Lucas, Fred e João Gabriel. Três homens, três vezes mais paciência, três vezes amor; que sempre escutaram, e irão escutar ainda, meus discursos feministas, na esperança de se tornarem pró-feministas. À minha avó Maria (*in memoriam*), que me ensinou que: "podem tirar tudo de nós, menos nosso conhecimento, Carolinne" e que tanto desejava ver a minha formação profissional. Sem nenhum esquecimento, vó. Nenhum esquecimento e meu muito amor. À minha avó Benedita, a quem cultivo um amor imenso, a quem tanto respeito e que sei: no seu silêncio, que grita, reside também minha força.

Aos meus amigos, minhas irmãs e meus irmãos de coração, a quem tanto amo e desejo, sempre, coisas maravilhosas em suas vidas. Gratidão por tê-los em minha vida, gratidão por existirem e por saber que temos uns aos outros. A revolução começa dentro de nós, já dizia Gandhi. E não há nada mais bonito do que ver tantas e tantos Sendo: amando como revolução. Que não esqueçam: resistam, resistam, resistam – com amor e empatia.

Aos meus professores, da vida, da escola, da universidade: minha eterna gratidão.

E não menos importante, a todas as mulheres: negras, brancas, não-brancas, transexuais, cisgênero, heterossexuais, bissexuais, homossexuais. Meu respeito e o meu desejo (mesmo que não seja possível ver e vivenciar) de um futuro mais feminino e digno para todas e todos.

(...)
Selváticas, elas não necessitam seu elogio
Ela transgride sua orientação
Refeito o começo bíblico não ferirás nenhum corpo por ser
Feminino com faca, ou murro, ou graveto
Eu te prometo
Sedarás o mal, interceptarás no meio do caminho o espeto
Super heróis de duas vítimas estancadas
Agora és delas a espada e não o algoz.
Selvática, ela come a selva de fora
Ela vem da selva de dentro!
Selvática, ela pare a própria hora
Ela vale empensamento!
E no final ideal não terás domínio sobre mulher alguma!
No final ideal não terás domínio sobre mulher alguma!

(Karina Buhr–**Selvática**)

(...)
Desafia, vai dar mó treta
Quando disser que vi Deus
Ele era uma mulher preta.
(...)
(Emicida – **Mãe**)

(...)
A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.

(Conceição Evaristo, **A noite não adormece nos olhos das mulheres**).

Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio.

(Conceição Evaristo)

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	**10**
2	**FEMINISMO NEGRO E INTERSECCIONAL**.....	**11**
2.1	A mulher negra tem voz e escritas!	11
2.2	Feminismos e identidades femininas.....	15
3	**EU SOU MEU PRÓPRIO LAR**	**21**
3.1	Ponciá: o ato de abraçar o vazio em forma de mulher negra……..…..	23
3.2	Bilisa: a mulher negra como representação estereotipada ……....	31
4	**CONCLUSÃO…...……...……..	**34**
	REFERÊNCIAS	**36**

Ele iria bater-lhe novamente? Um estudo sobre submissão, identidade, solidão e silêncio, em Ponciá Vicêncio

Carolinne Taveira de Melo

RESUMO

O romance "Ponciá Vicêncio", de Conceição Evaristo, aborda um cenário contemporâneo marcado pela historicidade, de teor opressivo, de pessoas negras e por suas memórias. A autora desenvolve a narrativa a partir da personagem Ponciá e da sua relação com seus familiares e com aqueles que esta viria a conhecer posteriormente. A história é regida pela busca (e crises) de identidade; pelo encontro de uma subjetividade marcada, também, pela memória da opressão, além de buscar uma ruptura com o estigma da subalternidade, em suas várias frentes. Dessa maneira, este trabalho, de cunho bibliográfico, detém-se em abordar a alteridade, "ex-centricidade" – uma vez que o sujeito está à margem da sociedade – da personagem principal, Ponciá e da personagem Bilisa. Ponciá é a voz silenciada da mulher negra, que sofre com a realidade opressora. Padece com sucessivas agressões do seu "homem", além de ficar, cada vez mais, alheia de si, distante dela mesma e do mundo. Bilisa é a representação da mulher negra, pobre e prostituída, vista de maneira estereotipada. Diferentemente de Ponciá, Bilisa tem um fim trágico, consequência de uma realidade violenta. A partir disso, é problematizada a questão da submissão e formas de resistência feminina, frente à opressão sexista, classista e racista.

Palavras-Chave: Conceição Evaristo. Feminismo negro. Identidade. Literatura contemporânea.

INTRODUÇÃO

O trabalho em questão parte de um projeto de pesquisa[1], no qual abordamos a representação dos muitos marginalizados dentro do âmbito literário contemporâneo e de como essas representações são desenvolvidas e discutidas criticamente. Assim, ao analisar os personagens presentes na obra "Ponciá Vicêncio" (2003), de Conceição Evaristo, foram observadas algumas características dos principais personagens presentes na obra, a fim de distinguir e elencar suas ex-cêntricidades, singularidades, dentro de um conceito maior, que é o conceito de multidão no âmbito literário, que, segundo Justino (2015), trata-se de uma literatura que aborda os muitos e suas particularidades.

No entanto, o trabalho em vigência irá priorizar a análise da personagem Ponciá Vicêncio, que dá nome ao romance, a fim de discutir, para além das questões citadas, a representação da mulher negra enquanto sujeita à violência doméstica, além de analisar a personagem Bilisa, mulher negra vista de maneira estereotipada, marcada por uma subalternidade imposta.

Ambientado em áreas rural e urbana, o romance traz para o leitor personagens cujas vidas são marcadas historicamente por identidades, a *priori,* estigmatizadas. A narrativa é construída pela memória, pela lembrança e pelo esquecimento. A ex-centricidade é a forma de alteridade presente em alguns personagens, que integram a obra. Ponciá, filha, mulher, negra, que se desconhece, não reconhece seu nome, sua identidade. Tal personagem, como uma integrante da multidão, possui sua subjetividade, sua singularidade, que foge daquilo que é estereotipado. No entanto, na narrativa, Ponciá é violentada pelo seu marido, que, na obra, é referido justamente como o "homem de Ponciá", ou seja, sem nome próprio. O que denominamos como sendo uma relação de representação, e também uma crítica/reflexão sobre a questão de dominação, de machismo e opressão sexista. Evaristo, ao nomear o companheiro de Ponciá de "homem de Ponciá", estabelece uma reflexão acerca da identidade. Quando não se tem nome, esse homem não é ninguém, como também, por não ter nome, ele pode ser interpretado como a representação de tantos homens que também violentam/agridem suas esposas.

Nesse sentindo, instigaremos a discussão acerca da representação da mulher negra contemporânea na literatura de escrita feminina e negra. Ponciá Vicêncio, mulher negra,

---

[1]*Ponciá Vicêncio:* a multidão como representação ex-cêntrica e pós-identitária na narrativa de Conceição Evaristo.

descendente de escravos, que não reconhece seu nome, sua identidade; que cria outra realidade psicológica, e mantém esta como única forma de fuga à condição em que se encontra, é uma voz silenciada pela opressão. Bilisa: mulher negra, prostituta, estereotipada, também é uma voz silenciada. Analisaremos a condição de Ponciá e sua relação conjugal, na qual a mesma, como referido, sofre violência doméstica, e a condição da personagem Bilisa, vítima de uma sociedade opressora, que a subjuga de maneira violenta, culminando em um final marcado por dor. Dessa forma, ao abordar a potência da mulher negra contemporânea, questionaremos a perpetuação de uma "realidade" pautada em violência, em que a mulher ainda é silenciada e vítima de opressão.

Em suma, é necessário questionar o motivo pelo qual há a perpetuação da submissão feminina, questão essa, que será analisada dentro do conceito do feminismo negro, abordado por Bell Hooks (2014), Conceição Evaristo (2009), Patricia Hill Collins (2015), Sueli Carneiro (1993), etc., que discutem a trajetória e a condição da mulher negra/não-branca na sociedade, na qual ela não possui privilégios; não é respeitada, não é ouvida. Além disso, é também necessário questionar e problematizar como vem sendo abordado o feminismo (e suas vertentes) e de que forma utilizar-se das diferenças, para promover mudanças significativas.

Discorre-se sobre relações de gênero, raça e classe, ou seja, sobre interseccionalidade, uma vez que tais campos e relações cruzam as vivências e experiências de mulheres negras. Assim como no silêncio de Ponciá, a mulher negra constrói rotas de fuga e resistências outras, como meio de resistir e viver nesta realidade opressora. Conceição Evaristo, com "Ponciá Vicêncio", constrói uma narrativa rica em memória, esquecimento, identidade e resistência.

2 FEMINISMO NEGRO E INTERSECCIONAL

2.1 A mulher negra tem voz e escritas!

Partindo do conceito de multidão, discutido por Justino (2015), os muitos, as suas múltiplas diferenças e suas respectivas potências individuais, ou seja, suas subjetividades, a crítica literária contemporânea aborda, dentre tantos assuntos, a representatividade das personagens literárias periféricas. Representatividade esta que consiste em igualar as identidades fragmentadas de cada sujeito, uma vez que o sujeito falante estereotipa o sujeito falado, colocando-o em um espaço unificado.

Dalcastagnè (2012) aborda a noção de representatividade dentro do meio literário e destaca que a falta de acesso de produção discursiva às classes populares desencadeia uma tentativa de demarcar uma situação sócio cultural, histórica e econômica, marginalizada, na sociedade brasileira. Segundo a autora, o silêncio daqueles que não têm acesso à produção discursiva é representado por uma dada minoria que, em sua grande maioria, foge dos objetos reais, ou seja, centralizam em um só sujeito os muitos existentes.

A singularidade do sujeito social consiste na diferença deste para com o outro. Na representatividade, há o reforço de conceitos pré-estabelecidos; de uma voz que, embora fale sobre muitos e muitas marginalizados(as), fala por estes de maneira estereotipada:

> O problema da representatividade, portanto, não se resume à honestidade na busca pelo olhar do outro e ao respeito por suas peculiaridades. Está em questão a diversidade de percepções do mundo, que depende do acesso à voz e não é suprida pela boa vontade daqueles monopolizam os lugares da fala (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 18).

Dessa forma, diversos autores contemporâneos apropriam-se da imagem criada do sujeito marginalizado, reforçando estereótipos marcados por vozes alheias, distantes da realidade social deste. No entanto, o problema referente à representatividade consiste não só no ato da escrita que foge à realidade do sujeito pobre, marginalizado, ou seja, da apropriação da fala, mas na importância e necessidade de problematizar e criticar a forma como a literatura contemporânea vem sendo realizada, para que, a partir disso, possa-se democratizar o processo de (re)produção literária, ou seja, o negro falando do negro, a mulher falando da mulher. Há a necessidade da fala, o "falar de dentro", como aborda Dalcastagnè, mas de uma fala que designe a singularidade do sujeito e do meio em que vive, evidenciando sua alteridade.

Em "Ponciá Vicêncio", Conceição Evaristo aborda a busca da identidade, a narrativa de sujeitos que buscam lidar com sua herança imposta historicamente, um romance de memória e também de esquecimento. Dessa forma, a singularidade da personagem principal, Ponciá, consiste justamente na busca dessa identidade, de não se reconhecer como Ponciá Vicêncio. "Vicêncio", seu sobrenome, é advindo do Coronel Vicêncio, dono das terras em que esta morava, em que seus avôs trabalharam, além de seus pais. Ou seja, o sobrenome é resquício da escravidão, de violência, opressão.

A busca de si está, também, na necessidade de sair de casa à procura de outras vivências, ir além do que a vida, no lugar onde nasceu, tinha para lhe oferecer e, a partir disso,

trilhar, sozinha, um caminho demarcado por questões raciais, culturais, econômicas e históricas.

A busca pela quebra de estereótipos é vista e discutida como algo coletivo, uma vez que se aborda e discute uma herança histórica e social, mas cada sujeito presente na obra possui sua subjetividade. Tal subjetividade é marcada pela presença da ex-centricidade – termo utilizado para designar aquele que foi alocado para a margem; que está fora do centro –, "inevitavelmente identificado como o centro ao qual aspira, mas que lhe é negado" (HUTCHEON, 1991, p. 88). Ou seja, as narrativas pós-modernas, contemporâneas, possuem sim a presença da tentativa de apresentar determinadas singularidades. Dessa forma, foram-se construindo histórias, narrativas ficcionais, biográficas, etc., que partem de uma vivência cotidiana daqueles que estão à margem do contexto social, ou seja, fora do centro social.

Assim, é possível estabelecer uma significativa diferença entre representatividade e multidão. Na representatividade, o sujeito pode ser caracterizado como alguém igual ao outro, como se sua subjetividade fosse "apagada", uma vez que está entre os muitos. A multidão, que esse sujeito faz parte, consiste na certeza de estar entre muitos, mas, mesmo entre tantos, cada um possui múltiplas diferenças, que se entrecruzam/dialogam, caracterizando singularidades vistas e designadas como potências.

Tais conceitos, referentes à teoria literária sobre multidão, sobre os muitos, discutida por Justino (2015), buscam identificar personagens que possuem características distintas; são, na verdade, os muitos personagens e suas subjetividades. Ou seja, a multidão é cercada por significativas particularidades, cuja característica determinante é a noção de ex-centricidade. A potência das pessoas e suas singularidades, sendo estas vistas de maneira coletiva e/ou individual, está justamente na memória que carregam e que constroem ao longo da vida. Uma soma de diferenças, ex-cêntricas, subjetivas. Ponciá, assim como os muitos que lhe cercam e que fazem parte de sua história, faz parte dessa multidão: em meio a tantos, ela e os seus, extremamente ex-cêntricos.

Tratando do que Schmidt (2000) chama de "quando o objeto começa a falar", vemos na narrativa de Conceição Evaristo uma autoridade de fala. O sujeito, antes silenciado, evidencia a memória a partir da escrita, e, além de tudo, é evidência de uma escrita feminina. Segundo Schmidt (2000, p. 105),

> a emergência do *outro* da cultura, ou seja, as mulheres narradoras silenciadas pelas práticas narrativas dominantes da cultura patriarcal, sinaliza um novo episteme narrativo em que novos saberes, para além de limites sagrados e

> seculares impostos pela tradição atualizam um novo sujeito engajado na reconceptualização de si e do mundo.

O objeto que começa a falar demarca uma mudança extremamente significativa e determinante diante do contexto em que se encontra. Cercado por uma hegemonia de textos genuinamente patriarcais, de autorias masculinas, a posição da mulher como sujeito enunciativo deve ser disseminada e além de tudo deveria dissecar uma cultura machista, sexista/opressora. Como mulher negra, Conceição Evaristo, em "Ponciá Vicêncio", dá voz a uma mulher negra que, cultural e socialmente, não tem voz. Ou seja, a potência da escritora está justamente no fato de ser uma mulher; de ser uma mulher que escreve sobre uma mulher; de ser uma mulher negra que enuncia e (re)produz memórias de mulheres negras.

Segundo Foucault (2008), o discurso não é apenas uma forma de defender e materializar ideologias/lutas, mas é, também, pelo que se luta. Ou seja, o discurso é poder. Conceição Evaristo, mulher negra, passa a dar voz e potência à historicidade feminina negra – o que é de grande relevância e importância no âmbito social e literário brasileiro. O poder concentrado na escrita de uma mulher negra.

Evaristo (2009), em sua dissertação, traz – dentre outros pontos – a questão da preponderância de escritos literários brasileiros que evocam a presença de personagens estereotipados negros, mas, mais do que isso, a questão de que literatura brasileira tem cor e gênero: é branca e é masculina, como bem destaca Dalcastagnè (2012). Sendo assim, a presença (cada vez mais) marcante e realizadora de escritores que quebrem tal poderio (e não só por "quebrarem", mas mais por darem voz a quem é esquecido, marginalizado) é de suma significância, necessidade e importância para a literatura brasileira.

Em contrapartida, há a necessidade de questionar uma produção de autoria feminina que, embora evidencie a mulher, ainda a coloca em uma posição de submissão ao homem. Mesmo que haja uma espécie de retratação da realidade, o sujeito enunciativo reproduz uma "realidade", sendo essa realidade pautada em uma consequência histórica, construída social e culturalmente, resultado de séculos de opressão. Embora tenha ocorrido – e esteja ocorrendo – um avanço da posição da mulher na sociedade, ainda é evidente e extremamente marcante a condição (que lhe é imposta) desta nas escritas femininas contemporâneas.

No entanto, é necessário destacar que, ao contrário das escritas anteriores, que só enfatizavam a condição de vítima de mulheres e homens negros, as escritas atuais apresentam personagens que desenvolvem "linhas de fuga", como é possível observar em "Ponciá Vicêncio", nas personagens Ponciá, demarcando simbologias de resistência, bem como Bilisa, ao transgredir o discurso opressor e também ser símbolo de resistência.

Ressalta-se, na obra, o caráter inventivo, criativo e solidário das personagens que, ao contrário das representações literárias, no século XIX, o negro era representado de índole humilde, resignado. Dessa forma, para além do que é discutido por Schimdt, a escrita de autoria feminina não só é relevante, como é necessário abordá-la e difundi-la. O sujeito enunciativo deve(ria) posicionar-se com uma retratação de não-submissão. Muito embora romper o silêncio seja um grande passo para uma significativa mudança estrutural, social, cultural e histórica.

2.2 Feminismos e identidades femininas

Pensar feminismos. Reconhecer que o problema não consiste na fragmentação e diferenças do movimento, mas ter consciência de que há diferenças, e pensar maneiras múltiplas, a fim de podermos unir forças, para promover mudanças significativas, através de diálogos, como bem discute Djamila Ribeiro[2]. O movimento em questão passou a (re)significar feminismos e suas múltiplas vertentes e faces, uma vez que por motivos de heranças histórias, sociais e culturais, muitas mulheres (negras, brancas, não-brancas, transexuais) sentiram-se na necessidade de levantar pautas e lutar por recortes que iam além da opressão masculina branca, ou seja, iam além do sexismo, do machismo.

É entendido por feminismo, segundo o Dicionário Aurélio (2005, p. 401) "Movimento favorável à equiparação dos direitos civis e políticos da mulher aos do homem". Segundo Bell Hooks, "um movimento para acabar com o sexismo, a exploração e a opressão sexistas" [3]. Portanto, feminismo é a ideia radical de que "mulheres são gente"[4].

Em "Ponciá Vicêncio" (2005), Conceição Evaristo cria uma construção de memória, lembranças, busca de identidade(s), e, mais do que isso: a autora traz, por meio da ficção, um grito de relações de opressão sexista, classicista, racista. A personagem principal, Ponciá, mulher negra, que migra para a cidade grande, pois acreditava que "poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova" (EVARISTO, 2005, p. 33) estava cansada de permanecer no lugar em que se encontrava, e buscava algo além do que já vivera.

Conceição Evaristo denuncia uma sociedade opressora, formadora de pessoas que oprimem e pessoas que são oprimidas sucessivas vezes: por serem quem são, por nascerem

---

[2] Conteúdo disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=AINEmjM4Ki4>. Acesso: novembro, 2017.
[3]HOOKS, Bell. **Políticas feministas:** de onde partimos. Capítulo na íntegra: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/politicas-feministas-de-onde-partimos-e28093-bell-hooks.pdf>. Acesso em: outubro, 2017.
[4] Frase de Marie Shear, retirada do site: < http://www.naomekahlo.com/single-post/2015/06/22/A-ideia-radical-de-que-mulheres-s%C3%A3o-gente>. Acesso em: outubro, 2017.

em determinadas condições. A denúncia dá-se a partir de uma narrativa pautada em mulheres negras, em homens negros.

Bell Hooks (2014), em seu livro "Não sou eu uma mulher?", expõe e analisa as relações de opressão contra as mulheres negras na época da escravidão e suas consequências até os dias atuais, além de mostrar a luta da mulher negra dentro do movimento feminista e a face feminista racista, opressora, resultado do cenário exploratório de pessoas negras (em ênfase: mulheres negras), nos Estados Unidos – que, porém, não deixa de ser um retrato do feminismo no Brasil.

Hooks realiza a análise de uma trajetória histórica, social, que, consequentemente, originou uma cultura de caráter opressor. A rivalidade não se dá apenas entre homens e mulheres, de maneira geral, mas também entre mulheres brancas e mulheres negras. A imagem estereotipada da mulher negra, como alguém inferior ou como alguém depravada, deu-se a partir da escravatura:

> A designação de todas as mulheres negras como sexualmente depravadas, imorais e perdidas teve a sua raiz no sistema escravagista. As mulheres brancas e os homens justificaram a exploração sexual das mulheres negras escravizadas argumentando que elas eram as promotoras das relações sexuais com os homens. De tal pensamento emergiu o estereótipo das mulheres negras como sexualmente selvagens, e em termos sexuais uma selvagem sexual, uma não-humano, um animal não podia ser violado (HOOKS, 2014, p. 39).

Muito embora as relações de poder/hierarquia social, estabelecidas pelo poderio branco, tenham sido deferidas muito antes do período de escravidão: o homem branco, seguido pelas mulheres brancas, em terceiro, os homens negros e em último, as mulheres negras (HOOKS, 2014, p. 40).

Não bastasse a desumanização, humilhação, desrespeito que sofreram, não apenas por serem subjugadas como seres inferiores, assim como os homens negros; transportadas, alocadas em compartimentos imundos, lotados, sujeitas a agressões, violações, espancamentos, morte, etc., que sofriam, padeceram ainda mais quando puseram os pés em terra firme, distantes de seus países, de suas casas e de suas vidas. Mesmo com o processo de Reconstrução Negra (datado no período de 1867-1877), segundo Bell Hooks (p. 41), as mulheres negras que se sujeitavam a aderir os comportamentos das mulheres brancas, na tentativa de não serem mais vistas como mulheres depravadas, ou inferiores, mesmo assim, eram vítimas de chacota, de humilhações, de agressões.

A representação estereotipada da mulher negra na sociedade é resultado, então, de uma série de opressões, violências, que são mantidas até os dias atuais – de forma "disfarçada". As

adversidades/intrigas entre mulheres brancas e negras deram-se justamente pelo fato das mulheres brancas sentirem-se violadas, uma vez que os homens brancos mantinham abusos e ataques às mulheres negras. Assim sendo, em sinal das mulheres brancas exibirem um "poder" sobre as mulheres negras, estas eram culpabilizadas por sofrerem inúmeros abusos dos homens brancos, e, como consequência da opressão que sofriam, eram, ainda, vítimas de mais ataques violentos, a mando das mulheres brancas. Tais informações, retiradas do livro "Não sou eu uma mulher?", de Bell Hooks (2014), servem não apenas para reconhecer um passado marcado por violência, analisando o retrato de uma opressão sexista, classicista e racista, mas também para explicar os motivos pelos quais se estabeleceu uma verdadeira inimizade/revolta entre as mulheres brancas, negras e não-brancas.

Até mesmo após o período da escravidão, com o acontecimento da Primeira Guerra Mundial e a necessidade de mão-de-obra barata (ou seria escrava?), as mulheres negras foram chamadas em demasia, uma vez que além de receberem um salário inferior ao das mulheres brancas (que ganhavam salários extremamente baixos), eram (e ainda são) a representação de mulheres fortes, que podiam realizar trabalhos duros, difíceis (no caso, o que seria o trabalho masculino). Como bem destaca Sueli Carneiro (1993) acerca do mito da fragilidade feminina, essa fragilidade é designada apenas às mulheres brancas.

Com o surgimento do movimento sufragista[5], o desencadeamento das relações de poder e classe, as mulheres (brancas, não-brancas, negras) partiram para um movimento unificado, em prol de melhores condições de vida, direitos iguais, etc. para as mulheres. Com o feminismo, a "guerra" instaurada por motivos de dominação, opressão e violência, entre homens e mulheres, não se conteve apenas entre estes, mas também, como referido, entre mulheres brancas, negras e não-brancas.

A necessidade de ruptura entre o "feminismo branco" – ou o Movimento das Mulheres – e mulheres negras e não-brancas deu-se por estas, além de não sentirem que suas respectivas demandas não estavam sequer nas pautas do movimento feminista, eram, também, silenciadas nas discussões. Ou seja, as pautas eram insuficientes, as demandas e necessidades eram muitas e os seus pedidos não eram ouvidos/respeitados. No movimento feminista, prevalecia, e, infelizmente, ainda prevalece (apenas) a reivindicação contra o sexismo, contra opressão sexista, machista. Enquanto as mulheres brancas estavam preocupadas em reivindicar direitos trabalhistas, além de direitos de autonomia para com os próprios corpos, como, por exemplo,

[5] O Movimento Sufragista foi o conjunto de manifestações femininas, que visava promover mudanças na política e no meio jurídico, no intuito de conseguir melhores condições de vida para as mulheres. O movimento ocorreu no fim do século XIX, na Europa. Informação disponível em: <https://juntos.org.br/2016/01/especial-juntas-as-sufragistas-e-a-primeira-onda-do-feminismo/> Acesso: dezembro, 2017.

o direito ao aborto, as mulheres negras estavam – e estão – na luta, na tentativa de denunciarem uma história demarcada por silêncio, opressão de gênero, raça, classe e, em alguns casos, orientação sexual. Embora, é necessário afirmar, o movimento feminista francês e o movimento de liberdade sexual tenham contribuído significativamente para o empoderamento da mulher sobre suas próprias escolhas e seus próprios corpos.

Segundo Carneiro (1993, p. 12),

> as mulheres negras advém de uma experiência histórica diferenciada, e o discurso clássico sobre a opressão da mulher não dá conta da diferença qualitativa da opressão sofrida pelas mulheres negras e o efeito que ela teve e tem ainda na identidade das mulheres negras.

Com a criação do movimento feminista negro, as mulheres que atuavam (e atuam na causa) passaram a lutar por seus direitos, suas pautas, elencando não apenas a luta contra a opressão sexista, mas também uma luta travada há séculos: racismo, além das relações de classe, hierarquia social.

Evaristo, em "Ponciá Vicêncio", traça uma trajetória de uma jovem mulher, negra, pobre, que carrega memórias, lembranças e muitas ausências. Ela sai de sua casa, no interior, para a cidade grande, e ao chegar, depara-se com uma realidade que lhe era até então desconhecida. Os meios de opressão eram silenciados no meio rural. Na cidade, pareciam gritar em sua face. Temos, então, a relação de opressão de classe, de raça e de gênero. Ao conseguir um emprego, como doméstica, Ponciá dá voz a milhares de mulheres negras e/ou não-brancas, de classe baixa, que trabalham em casas de pessoas de classe alta, geralmente brancas. O objetivo não é criticar o fato de trabalharem como domésticas, mas é a necessidade de problematizar as relações de opressão classicista, na tentativa de estabelecer um paralelo entre a história, a sociedade e a cultura. Ponciá configura muitas mulheres que, mesmo com ou sem estudos – no caso desta, com o estudo básico, sabendo ler e escrever –, não tiveram muita ou nenhuma oportunidade na vida.

A personagem Bilisa, como Ponciá, trabalhava como empregada doméstica, mas ao vivenciar um episódio em que foi injustiçada por ser mulher, por ser negra e pobre, viu o caminho da prostituição como uma saída, um meio rápido de conseguir o dinheiro que havia sido roubado pelo filho da patroa, o qual mantinha relações sexuais com ela.

Assim, estabelece-se uma relação: as reivindicações de direitos iguais, no campo trabalhista, das mulheres brancas, são distintas das mulheres negras. Das primeiras, o direito de receberem salários iguais aos dos homens, além de sentirem-se "donas de si", deixando de não mais serem donas de casa (ou partindo para algo que lhes dessem/assegurassem um

rendimento que não o de seus maridos), dessas últimas, o trabalho como forma de sobrevivência.

O que é discutido sobre "lugar de fala" com relação à escritora mineira, Conceição Evaristo: Uma mulher negra falando sobre uma mulher negra, em um país em que prevalece, ainda, a comercialização de livros escritos por homens, na maioria, brancos e heterossexuais. Há grande importância, necessidade, do advento do feminismo negro para muitas mulheres, que não tiveram suas reivindicações atendidas na luta do Movimento Negro, uma vez que a opressão sexista acabou sendo posta "de lado", dando prioridade a uma das lutas travadas até os dias atuais, que é a discriminação racial. Igualmente, não se sentiram "acolhidas" na luta do Movimento das Mulheres – que privilegiava/privilegia as mulheres brancas –, emergido na década de 1970, no Brasil, sob influência de grupos e movimentos, marginalizados, internacionais; desencadeado, também, pela luta antiditatorial (CARNEIRO, 1993).

Collins (2015) traz a reflexão acerca das relações de opressão e de que maneira podemos reverter tais "heranças" históricas, sociais e culturais. A mesma problematiza o fato de reconhecer quais nossos privilégios. Não há a necessidade de hierarquizar quem é mais oprimido que quem (embora haja, sim, certas relações de opressão que são mais evidentes e extremamente mais violentas que outras). O caso é reconhecer quais privilégios possuímos, e saber de que forma esses privilégios retiram/privam, do outro, opções de Ser. Dessa forma, Collins (idem), realiza um paralelo entre as relações de raça, gênero e classe, a fim de discutir, além dos pontos referidos, o fato de que a maioria das mulheres negras sofre dessas categorias de repressão, e de que determinados grupos sociais não se dão conta que são sim privilegiados, por serem brancos, heterossexuais, de classe média alta, por exemplo.

Crenshaw (2004), em "A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero", traz a seguinte fala: "A questão é reconhecer que as experiências das mulheres negras não podem ser enquadradas separadamente nas categorias da discriminação racial ou da discriminação de gênero". Embora o conceito já viesse sendo discutido, Kimberle Crenshaw nomeou a luta feminista, dentro de determinadas categorias discriminatórias contra mulheres negras, de interseccionalidade. O termo surgiu, segundo Hirata (2014), no final do movimento *Black Feminism*, nos anos de 1970:

> A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples

> reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (Bilge, 2009, p. 70 *apud* Hirata, 2014, p. 62-63).

A militância contra a opressão sexista, patriarcalista, classicista e racista, étnica, é interseccional, uma vez que há a necessidade/importância de traçar tais diferenças, e discutir/por em pauta essas categorias de opressão, sabendo que todas (ou a maioria) fazem parte do dia-a-dia de mulheres negras.

Conceição Evaristo traz o debate, em forma de romance ficcional, literária, sobre a questão interseccional. É, então, evidente que os lugares de fala, embora estejam galgando determinados campos intelectuais aos poucos, estão cada vez mais ganhando espaço e, mais que isso: estão mostrando o que aconteceu durante séculos de violência, opressões; o que acontece todos os dias. Um elo entre o social e o literário: A militância adentra a literatura, ela tem voz, é mulher e é pele negra.

As questões relacionadas ao gênero, classe, raça e sexualidade estão intrinsecamente interligados:

> Classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras.[6]

A maneira como as mulheres negras sofrem opressões são diversas. Sofrem por serem mulheres, sofrem duplamente por serem mulheres negras, sofrem triplamente se forem de classe baixa e sofrem quadruplamente se forem mulheres negras pobres homossexuais/bissexuais/transexuais. Que fique clara a noção que desejamos implicar: a necessidade e importância de uma luta conjunta, uma luta que não exclui ou prioriza determinada categoria opressora. Como bem discute Davis em "Mulheres negras na construção de uma nova utopia", ter consciência das diferenças que nos separam histórica social e culturalmente, mas mais que isso, respeitar; pensar e agir de forma que essas diferenças possibilitem atitudes que impulsionem mudanças, que desencadeiem pontes de comunicação, entendimento e respeito. Unir forças a partir de diferenças, para que, assim, haja um futuro mais feminino, um futuro digno para mulheres de todas as raças, sexualidades,

---

[6] DAVIS, Angela. **As mulheres negras na construção de uma nova utopia**. Conteúdo na íntegra: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/)>. Acesso: outubro, 2017.

classes, etc. É por isso, então, que a interseccionalidade grita para que possamos pensar diferenças, em conjunto. O quão urgente é tal discurso, de lutar para combater todas as opressões.

Bell Hooks, em seu livro, aqui já citado, traz um trecho importantíssimo do depoimento de Dorothy Bolden, que foi criada por quarenta e dois anos, em Atlanta, EUA. O discurso foi proferido no movimento intitulado "'Nobody Speaks for Me! Self Portraits of Working Class Women' (Ninguém fala por mim! Auto-retratos de mulheres de classe trabalhadora)"[7]:

> Não se pode falar sobre os direitos das mulheres enquanto não se incluírem todas as mulheres. Quando se nega a uma mulher os seus direitos, nega-se a todas. Estou a ficar cansada de ir a essas reuniões, porque nenhuma de nós participa [...]. Elas falam sobre os direitos das mulheres, mas de quais mulheres? (HOOKS, 2014, p. 107).

Parece mesmo utópico pensar que haverá um dia em que as lutas, a militância de tantas e tantas mulheres feministas, transfeministas, possibilitará um futuro em que não haja opressão sexista, de classe e raça. O discurso de Dorothy Bolden é um retrato de uma ideologia quebrada, de um movimento distorcido pelo patriarcado, pelas próprias militantes, por uma sequência de desencadeamentos históricos, sociais e culturais. Não há como pensar feminismo e não incluir todas as lutas travadas por todas as mulheres de todas as raças, classes, sexualidades, etc. Mesmo assim, a luta feminina resiste. Ainda bem.

3 EU SOU MEU PRÓPRIO LAR

"Fomos educadas para respeitar mais ao medo do que a nossa necessidade de linguagem e definição, mas se esperamos em silêncio que chegue a coragem, o peso do silêncio vai nos afogar. O fato de estarmos aqui e que eu esteja dizendo essas palavras, já é uma tentativa de quebrar o silêncio e estender uma ponte sobre nossas diferenças, porque não são as diferenças que nos imobilizam, mas o silêncio. E restam muitos silêncios para romper".

(Audre Lorde)

"Ponciá Vincêncio", obra de Conceição Evaristo, demarca a trajetória de uma jovem mulher negra, descendente de escravos, que desde criança, desconhece-se. Procura, através de refúgios psicológicos, maneiras de tentar se autoafirmar como Ser, como alguém. Residente

[7] Nota pessoal: Como mulher branca, aqui também declaro, assim como em todo o trabalho, o meu respeito e admiração ao tema discutido. Não falo por ninguém. Às mulheres de todas as raças, classes, sexualidades etc., o meu reverenciamento. Que suas vozes sejam difundidas, ouvidas e respeitadas.

de um povoado, aos 19 anos busca a cidade para vivenciar outras experiências. Depara-se com um mundo completamente diferente: os muitos, as muitas solidões, as relações de opressão, de alguma forma, mais visíveis que as relações de submissão, referente a classe e raça, de seu povoado. Consegue trabalho como empregada doméstica. Passa a morar em um barraco, o qual foi comprado a custo, com seu companheiro, intitulado, na narrativa, como o "homem de Ponciá".

Ponciá, cada vez mais alheia de si, perdida no deslumbramento do vazio, assim como o avô – que morrera quando esta era bebê –, ainda é vítima de violência doméstica. Apanha do marido, pois este queria "fazê-la doer"; queria ter domínio sobre quem era de fato e não conseguindo, fazia-a sofrer. A narrativa culmina na volta de Ponciá para os seus, indo ao encontro com ela mesma, com a mãe e com o seu irmão Luandi.

Já Bilisa, inicialmente, "aparece" na narrativa como prostituta, no entanto, ao longo do romance, nos damos conta da trajetória da mesma. Bilisa fora empregada doméstica, após um episódio de injustiça e subalternização, sem muitas escolhas de como conseguir o dinheiro (roubado pelo filho da patroa) que vinha juntando para ajudar a família, adentra no mundo da prostituição. Como referido, Bilisa, diferentemente de Ponciá, tem um final marcado por dor e por violência, consequência de uma série de relações de subalternização atribuídas a esta.

Partindo da concepção de multidão de Justino (2015), estabelecemos um paralelo entre as personagens Ponciá e Bilisa, presentes na narrativa de Conceição Evaristo, que, embora cercadas por muitas outras, possuem sua própria subjetividade. Cada uma é singular em sua instância: como ser, como mulher; mãe; esposa; artesã; empregada doméstica; prostituta; como alguém, também, perdida de si. As múltiplas singularidades conectam-se neste romance contemporâneo brasileiro, de forma que podemos pensar em diferenças, muito embora, paradoxalmente, a questão da representatividade, de classificar o todo de maneira igualitária, esteja, também, presente nas práticas e, principalmente, nos discursos.

Discorremos sobre a submissão/subalternidade que vem sendo discutida/problematizada pelas militâncias feministas, de mulheres vítimas de opressão sexista, classicista, racista. Posições estas que colocam a mulher sob condição de silenciamento, consequentemente, de opressão.

Durante a narrativa, destacamos duas mulheres: Ponciá e Bilisa. Suas singularidades e vivências serão discutidas e analisadas a seguir.

3.1 Ponciá: o ato de abraçar o vazio em forma de mulher negra

Ainda criança, Ponciá, menina negra, filha de pais e avós negros, de origem pobre, do interior, tinha medo de passar por baixo do arco-íris: a "cobra celeste". Acreditava que, ao fazer isso, iria "virar" menino. Tratando-se de gênero, o sujeito feminino, como discutido anteriormente, foi (e ainda é) alvo de sucessivos ataques de violência, ocasionando à mulher, de alguma maneira, a posição de submissão. O fato de Ponciá, quando criança, não desejar se tornar (por algum motivo mítico) um menino, sugere que a mesma trazia nela, naquele momento da história, a relevância do Ser sujeito feminino e, em outras palavras, do empoderamento feminino, abordado, na narrativa, por Conceição Evaristo. "Naquele tempo Ponciá gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo." (EVARISTO, 2003, p. 13). É nítida também a relação de inocência, do "gostar de tudo", uma vez que se é criança, e as preocupações são desconhecidas.

Tinha o desejo de crescer, ter seus filhos e ter voz, pois enxergava na mãe a imagem de mulher não-submissa, a quem o marido (pai de Ponciá) acatava seus pedidos e silenciava diante dela:

> O pai era forte, o irmão quase um homem, a mãe mandava e eles obedeciam. Era tão bom ser mulher! Um dia também teria um homem que, mesmo brigando, haveria de fazer tudo que ela quisesse e teria filhos também (idem, p. 27).

Mesmo que trouxesse dentro de si, ainda menina, o receio de "virar" menino, era cercada por figuras masculinas, figuras essas que foram de grande significância em sua vida, como o seu pai, seu irmão Luandi e seu avô. Realizando uma comparação entre as relações traçadas pela personagem principal e os seus familiares, na época em que morava com estes, e as relações estabelecidas entre Ponciá e o seu "homem", na cidade, além das relações para com outras pessoas, no ambiente urbano, as diferenças são gritantes. É muito mais "fácil" ser menino do que ser menina, mas com um adendo, é muito mais fácil ser menino heterossexual, branco e de classe média.

As relações de poder são estabelecidas desde muito cedo, como discute Collins (2015). O que é necessário discutir não é quem é mais oprimido do que o outro, como referido, mas ter consciência de que há opressão, a partir do momento em que você, enquanto sujeito, é privilegiado por determinada categoria social. O discurso de Ponciá, na cidade, como dona de

casa, muda: esta passa a desejar ser um homem. Aos olhos desta, seria mais fácil continuar a viver sendo alguém do gênero masculino.

A mudança do discurso, ou seja, o momento em que Ponciá deseja passar a ser um homem, dá-se a partir da violência que sofre:

> O homem de Ponciá estava cansado, muito cansado. Sua roupa empoeirada, assim como o seu corpo, porejava pó. Ele e outros estavam pondo uma casa, antiga construção, abaixo. Tarefa difícil, cada hora era um que pegava na marreta e golpeava as paredes que resistiam. Ele se lembrava, a cada esforço, do barraco onde moravam e que flutuava ao vento. Ao ver a mulher tão alheia, teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela lhe devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou-se, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele (EVARISTO, 2003, p. 20).

A causa da agressão, injustificável, foi devido ao alheamento de Ponciá para com o mesmo, para com o mundo a sua volta e para com ela mesma. Ou seja, o motivo pelo qual o companheiro de Ponciá decide esmurrá-la, deu-se pelo incômodo/revolta que este sentira por ver a companheira alheia. Assim como não será diferente durante o decorrer da narrativa. As agressões são marcadas por motivos banais. Dessa forma, Ponciá servia como alguém que estava para receber a carga de revolta, indignação e cansaço, do seu companheiro.

O romance é marcado fortemente pela ausência, pela falta, memória, pelo esquecimento e o Ser alheio. Ponciá vê-se, inúmeras vezes, distante dela e do mundo ao seu redor. Nesse episódio, em que ocorre a primeira "cena" de violência doméstica, o homem – a quem Conceição Evaristo não nomeou, legitimando, assim, a falta de potência deste. Uma vez que o sujeito sem nome, sem identidade, aparenta mesmo não ser ninguém. Em contra partida, pode ser considerado como a representação dos muitos outros homens – a agride por motivos de insatisfação com o modo pelo qual ela se encontrava: distante.

Ponciá nunca se reconheceu como Ponciá Vicêncio. Achava o nome vazio. Que nome era este? E por que atribuíram a ela este nome? Ao longo da narrativa, é possível identificar passagens em que a mesma está tão alheia de si, que pelo reflexo das águas e pelo espelho, passa a chamar o nome que lhe foi imposto, na tentativa desesperada de encontrar a si:

> Uma noite ela passou todo o tempo diante do espelho chamando por ela mesma. Chamava, chamava e não respondia [...]. Pediu ao homem que não a chamasse mais de Ponciá Vicêncio. Ele, espantado, perguntou-lhe como a chamaria então. Olhando fundo e desesperadamente nos olhos dele, ela respondeu que poderia chamá-la de nada (EVARISTO, 2003, p. 19-20).

O sobrenome, atrelado a uma “herança” imposta socialmente, advindo da família que comandava e era dona das terras em que não só Ponciá e sua família viviam, mas tantos outros e outras que eram descendentes de escravos; que receberam um pedaço de terra como “presente”, em troca de trabalho, muito embora as terras ainda pertencessem aos brancos, ao Coronel Vicêncio e sua família. Fora este nome (e sobrenome) que a fizera perguntar-se quem era ela de fato. O alheamento de Ponciá para com ela mesma e para com os outros era causado por uma provável crise de identidade.

Segundo Hall (2006), o sujeito pós-moderno está em constante mudança, ou seja, não é estável/estático, no que diz respeito à identidade. Assim sendo, o sujeito, em decorrência de uma série de mudanças estruturais, e recortes de classe, raça, etnia, gênero, sexualidade, etc., está cada vez mais fragmentado, descentrado, deslocado de si. Vejamos então, Ponciá: Mulher, negra, pobre, empregada doméstica, que, ao morar com o marido, passa a ser dona de casa. São múltiplos recortes que compõe sua identidade: Gênero, classe, raça, etnia, sexualidade. E mesmo que tais recortes sejam, de alguma forma, maneiras de categorizar o sujeito e torná-los homogêneos, além de estabelecerem, devido às mudanças estruturais e sociais, o deslocamento/descentramento do sujeito, paradoxalmente, legitimam a alteridade do Ser. Ao que foi discutido sobre o conceito de multidão, de Justino (2015), embora o sujeito esteja envolto de muitos outros, cercado de muitos outros sujeitos, eles possuem, cada um, sua subjetividade, uma identidade fragmentária, mas subjetiva, que os distingue uns dos outros.

Dessa forma, embora Ponciá vivencie uma crise identitária, desde sua infância, a mesma encontra-se em uma posição de busca de si. O fato de “olhar o vazio” não estaria atrelado ao seu próprio alheamento? Palavras como “vazio”, “nada” e “distante” estão tão intrínsecas na personagem que “não-ser” é uma característica da crise de identidade de Ponciá, característica essa encontrada, também, em seu avô. Em determinada passagem, Vô Vicêncio, em um ataque de revolta, na “procura da morte”, mata sua esposa e, ao tentar se matar, autoflagelando-se, corta uma das mãos, até que é impedido de continuar a automutilação. O narrador deixa a premissa de que o ato de extrema violência é advindo de anos e anos de opressão, de exploração, pois Vô Vicêncio era escravo. Dessa forma, o ato pode ser considerado como uma tentativa de “fuga”. Embora não seja justificável o fato do avô de Ponciá tentar se matar e efetivamente matar a sua esposa, a tragédia foi uma espécie de “falsa salvação”. Depois deste acontecimento, Vô Vicêncio, que “chorava e ria”, foi nomeado como “louco”.

Muito de Vô Vicêncio é atribuído à Ponciá. O braço "cotó" (resultado do autoflagelo), que a menina, ainda muito nova, "imitava", o ato de abraçar e admirar o vazio, o fato dos sete filhos de Ponciá terem nascido todos mortos e a co-relação com os filhos do avô: muitos foram vendidos como escravos, outros nasceram sob a lei do ventre livre. Tais semelhanças são resultado de uma herança. Herança esta que é entendida no fim da narrativa, como desfecho.

O ser ex-cêntrico, aquele que está à margem, através do âmbito literário – além de outros campos de estudo –, "ganha", de forma paradoxal, a oportunidade centralizadora de ter voz. Ao que foi discutido, também, acerca do lugar de fala e da importância e necessidade das discussões – que são ex-cêntricas, marginalizadas –, estas são difundidas e propagadas por sujeitos que detém conhecimento e vivência do lugar do qual estão falando, sobre o que estão falando. Dessa forma, os personagens ex-cêntricos, construídos na narrativa de Evaristo, trazem à tona o que a mesma coloca em um trecho de um depoimento de sua autoria: "A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e sim para incomodá-los em seus sonos injustos."[8] O lugar de que parte para a fala é marcado pela história, uma história de opressão. Sem dúvida, as discussões são para incomodar, problematizar, não só para promover mudanças significativas no cenário social/cultural, mas também, para que não possamos esquecer.

As identidades são vistas na narrativa de formas fragmentadas. Assim, ao designar os atos de violência, cometidos tanto por Vô Vicêncio, quanto pelo "homem de Ponciá", é importante ressaltar que a identidade negativa, como estigma, recai no racismo, atribuída a estes. O fato do avô de Ponciá rebelar-se, numa tentativa de fuga, é revolta contra a condição a que foi imposta sobre este. Com relação à violência que Ponciá sofrera pelo "seu homem", foi uma revolta contra a condição em que se encontrava: homem negro, pobre, cansado da labuta diária e da opressão; muito embora, isto não tenha sido uma tentativa de "libertação" de sua condição, enquanto homem de classe baixa, mas uma forma de fazer Ponciá doer, alocando a sua raiva, em forma de violência, em Ponciá. No entanto, é também necessário ressaltar, embora tais atos tenham ocorrido, provavelmente, em decorrência de sucessivas opressões que estes sofreram, não nega, muito menos justifica os atos de violência. Reafirma, também, o fato de reforçarem o discurso opressor contra a mulher negra, ao serem violentos, machistas/sexistas com suas esposas.

---

[8] EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Texto na íntegra: < http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>. Acesso: novembro, 2017.

Bell Hooks (2014, p. 83) diz:

> Frequentemente na escrita feminista, as mulheres expressam amargura, raiva, e ódio sobre os opressores masculinos, porque é um passo que as ajuda a acabar com as versões romantizadas dos modelos de papéis sexuais que negam a humanidade às mulheres. Infelizmente, a nossa ênfase no homem como opressor frequentemente torna obscuro que os homens estão também vitimizados. Para ser um opressor tem que se desumanizar e ser anti-humano na natureza, como para se ser uma vítima. O patriarcado força os pais a agirem como monstros, encoraja os maridos e amantes a serem violadores disfarçados; ensina os nossos irmãos de sangue a sentirem-se envergonhados ao se preocuparem conosco, nega a todos os homens a vida emocional que atua como humanizante e força autoafirmativa nas suas vidas.

O homem tem suas ideologias moldadas pelo patriarcado, por uma cultura opressora, em decorrência de fatores históricos sociais e como foi dito, culturais. Relacionando isto com a violência sofrida por mulheres, especificadamente, negras, Angela Davis[9] discute o motivo pelo qual as mulheres negras evitam realizar denúncias de violência doméstica. Segundo a mesma, o resultado do delito cometido, se denunciado, é de mais violência para com homens negros. Ou seja, para protegerem os seus agressores, as mulheres permanecem silenciadas, com receio da violência que eles podem sofrer – ainda mais – se forem presos. Em nenhum momento da narrativa, Ponciá pensa em realizar alguma denúncia contra as agressões que sofrera do seu companheiro. Visto que a mesma estava tão absorta nela mesma, no seu esquecimento e na tentativa de relembrar o passado, que denunciar a violência se quer foi cogitado por esta.

Silva (2010) realiza uma análise das representações de mulheres na literatura de autoria feminina contemporânea, ao traçar uma relação entre os escritos femininos e as muitas situações de opressão vivenciadas pelas personagens, que, de alguma forma, é reflexo de uma construção histórica, social e cultural. Sabemos que as estruturas de base patriarcalista desenvolveram e difundiram a ideia/o mito de que a mulher, de alguma maneira depende do homem em sua vida. É ensinado que a mulher precisa da companhia de homem, pois só assim estará "protegida" ou "completa".

Dessa forma, Silva (2010), em "Mulheres representadas na literatura de autoria feminina", destaca algumas formas de dependência de personagens femininos com seus parceiros: dependência físico-psicológica, ou o chamado "sem ele eu não sou ninguém"; dependência físico-biológica, no que diz respeito ao sexo; dependência econômica, etc. No

[9] DAVIS, Angela. **As mulheres negras na construção de uma nova utopia**, *op. cit.*

entanto, durante a análise do livro de Conceição Evaristo, o motivo pelo qual Ponciá permanece com o seu companheiro, mesmo sofrendo violência, é desconhecido. Considerando os tipos de dependência destacados, Ponciá não possuía sinais de nenhum deles. Mesmo que esta não trabalhasse mais como empregada doméstica, é perceptível que o seu distanciamento dela é tamanho que passa a se refugiar nela mesma, permanecendo em uma posição de resistência:

> As ausências, além de mais constantes, deixavam Ponciá durante muito tempo fora de si. Passava horas e horas na janela a olhar o tempo com um olhar vazio. Houve época em que ele bateu, esbofeteou, gritou... Às vezes, ela se levantava e ia arrumar a comida, outras vezes, não. Um dia ele chegou cansado, a garganta ardendo por um gole de pinga e sem um centavo para realizar tão pouco desejo. Quando viu Ponciá parada, alheia, morta-viva, longe de tudo, precisou fazê-la doer também e começou a agredi-la (EVARISTO, 2003, p. 96).

Ao procurar rotas de fuga psicologicamente, e enfrentar crises, as agressões físicas realizadas pelo homem que era seu companheiro, o alheamento, o ato de abraçar o vazio, como se estivesse à procura de um dado preenchimento, é onde se encontra sua força maior.

Ponciá crescera muito só. A maior parte do tempo vivia apenas com a mãe, pois seu irmão Luandi e seu pai trabalhavam nas "terras dos brancos"; seu avô havia falecido quando ela era ainda bebê, como referido. O fato de distanciar-se dela, de permanecer longe de tudo, de alguma forma, afirma uma solidão, mesmo que estivesse cercada por uma ou mais pessoas.

Ao mudar-se para a cidade, em busca de novas vivências e experiências, Ponciá enxerga uma realidade completamente diferente do que vivia até então. Ficara já sozinha assim que chegara à cidade. O meio urbano, os muitos e suas ex-cêntricidades circulam pelas ruas afirmando – silenciados ou não –, cada um/uma, sua própria solidão.

Por sorte/destino, Ponciá logo encontrara um emprego como empregada doméstica, trabalho este que é exercido majoritariamente por mulheres negras (ou mulheres brancas/não-brancas de classe baixa), dando condições mínimas de sobrevivência para essas mulheres (WERNECK, 2009). De forma estigmatizada, é atribuída a Ponciá (e às muitas mulheres, se tratando do âmbito social) uma identidade negativa: é uma mulher negra e pobre.

O silêncio é valor simbólico, a partir do momento em que Ponciá desconhece-se e, assim sendo, procura refúgio dentro dela mesma, o silêncio é símbolo de uma cultura, etnia, estigmatizadas, vistas e tratadas de maneira subalternizadas. Ou seja, é atribuído um valor negativo, e, a partir disso, o outro, enquanto sujeito oprimido e tratado de maneira inferior, seja por seu gênero, raça, classe, etc., é silenciado. A "quebra" deste silêncio é corrompida

pela militância, pela posição de luta, pela forma com a qual as muitas mulheres utilizam-se de recursos literários, políticos, etc., para impulsionar as discussões acerca desse silêncio e, mais que isso, para problematizar essa imposição, de uma herança que tem cor, nome e status social.

Orlandi (2007) realiza uma análise e discussão sobre o silêncio. Segundo esta, diante do contexto histórico e social, o sujeito que está em silêncio, visto por aqueles que estão falando, é considerado como alguém que não tem sentido, uma vez que está imerso na mudez. Dessa forma, o silêncio, nesse sentido, recebe um teor negativo, que acaba sendo atribuído ao sujeito em silêncio.

Ponciá, enquanto ser em constante mudez e distanciamento, é vista e tratada pelo seu companheiro como alguém que não tem sentido – ou, se tem, é algo vinculado à loucura. "Ultimamente andava muito bravo com ela, por qualquer coisa lhe enchia de socos e pontapés. Vivia a repetir que ela estava ficando louca" (EVARISTO, 2003, p. 54-55). E qual a forma, dentre tantas outras, de deslegitimar/inferiorizar a mulher, senão considerando-a como louca? Parece mesmo que o sujeito, estando em silêncio, não há o que falar, ou mesmo não possui sentido, como referido. No entanto, o sentido do silêncio, por si só, é significado: "O silêncio não fala. O silêncio *é*. Ele *significa*. Ou melhor: no silêncio, o sentido *é*" (ORLANDI, 2007, p. 31).

Durante toda a narrativa, é possível enxergar Ponciá como uma mulher perdida ou uma mulher em busca de algo. Mas qual/o que seria esse "algo"? Aliás, não só uma busca por algo, mas uma imensa certeza de que ela estava repleta de vazio. E, no entanto, podemos nos certificar de que o vazio, na verdade, é um paradoxo: é cheio em sua instância. Analisamos as relações entre a personagem principal e outros personagens: sua relação com seu companheiro; a semelhança entre esta e o seu avô, no que diz respeito à herança: muitas vezes, utilizada na narrativa como um meio de comparação entre ambos.

A herança que Ponciá "recebe" de seu avô é histórica. É ser ele nela, enquanto Ser negro, carregado de memória, de opressão. É não esquecer quaisquer lembranças. É a perpetuação de uma certeza: por mais que houvesse tanto choro – devido a tantas atrocidades vividas não só pelos seus ancestrais, mas também pela população negra, que continua sendo subalternizada – havia, ainda, a certeza do riso como resistência. A herança é negra, é pobre e é escrava. Como canta Elza Soares, "a carne mais barata do mercado é a carne negra [...] /Mas mesmo assim/ainda guardo o direito/de algum antepassado da cor/brigar sutilmente por

respeito/brigar bravamente por respeito/brigar por justiça e por respeito/de algum antepassado da cor/brigar, brigar, brigar[10]".

A violência que Ponciá sofre pelo "seu homem" é um reflexo de uma sociedade construída em opressão. Opressão essa difundida e institucionalizada por uma dada minoria que alimenta a versão mítica e religiosa de que a mulher é inferior ao homem; de que a mulher negra, por ser negra, é inferior a todos, inclusive à mulher branca. Segundo Hooks (2015, p. 197), "o sexismo, como sistema de dominação, é institucionalizado, mas nunca determinou de forma absoluta o destino de todas as mulheres nesta sociedade. Ser oprimida significa *ausência de opções*". Mesmo que essa opressão seja majoritária, ela não é definitiva.

Durante o desenvolvimento da análise, o nome de Ponciá foi proferido apenas com o seu nome primeiro. O sobrenome não lhe pertencia: é uma "herança" a qual lhe foi imposta, de maneira violenta. Dessa forma, ao tratar Ponciá apenas por Ponciá, subentende-se que era ela no fim do romance, ao sair de sua casa, expressando "choro e riso", como seu avô, com a certeza de que sabia para onde ir; que sabia o que fazer, voltar para sua terra, seu povoado e ir de encontro ao seu destino; e, a partir do barro, da labuta, juntamente com a mãe, relembrar e recriar história(s).

O fato de Ponciá deixar o marido, no fim da narrativa, não está relacionado às agressões que sofria. Em determinada passagem, a mesma questiona-se acerca do porquê de permanecer ao lado daquele homem, pelo qual já não nutria nenhum sentimento construtivo amoroso, mas, mesmo assim, permanecia. A sua volta aos seus, como término do romance é uma marca de libertação do seu agressor, e é também um retorno para ela mesma e para sua mãe e seu irmão: "lá estava a sua menina única e múltipla" (EVARISTO, 2003, p. 125). Ponciá é uma personagem que carrega sua ex-cêntricidade. Dentre tantos e tantas, única e múltipla.

O silêncio de Ponciá é. Em uma constante busca de si, culminando em crises identitárias, o seu alheamento e silêncio traziam tamanho significado. Conceição Evaristo traz uma narrativa pautada em memória, em esquecimento, em resistência, luta diária, herança. E Ponciá é a configuração de muitas mulheres negras, de classe baixa, vítimas de violência doméstica, mas não só: vítimas de uma sociedade patriarcalista opressora. Ela aceita sua condição, estigmatizada, até voltar para ela mesma. Ao que parece, voltar para os seus, para o lugar onde nascera, é voltar para um encontro com alguém que, em sua múltipla e constante mudança, é ela de fato.

---

[10] Conteúdo disponível em: < https://www.vagalume.com.br/elza-soares/a-carne.html >. Acesso: novembro, 2017.

3.2 Bilisa: a mulher negra como representação estereotipada

A trajetória de Bilisa é marcada por subalternização, por abuso, injustiça. A moça negra, de origem pobre, advinda, assim como Ponciá, da roça, de outro povoado que não o desta, partiu para a cidade grande em busca de conseguir estabelecer-se financeiramente, ganhando bem, para que pudesse tirar seus familiares de onde viviam. Bilisa, então, passara anos e anos juntando dinheiro, trabalhando como empregada doméstica, com muito esforço, para realizar tal feito.

No entanto, todo seu esforço é roubado pelo filho de sua patroa, com quem mantinha relações sexuais. A mesma, de forma ingênua, acreditava, ainda, que o fato do rapaz ter roubado o dinheiro era uma "brincadeira", pois não imaginava que ele poderia fazer isto com ela. Ao relatar o ocorrido para a mãe do rapaz, sua patroa, Bilisa é hostilizada pela mesma. A mulher chama-a de "puta", pois sabia do envolvimento de seu filho com a "empregada":

> A patroa não gostou da suspeita que caiu sobre o seu filho. Quanto a dormir com a empregada, tudo bem. Ela mesma havia pedido ao marido que estimulasse a brincadeira, que incentivasse o filho à investida. O moço namorava firme uma colega de infância, ia casar em breve e a empregada Bilisa era tão limpa e parecia tão ardente. Bilisa não encontrou o dinheiro e nunca mais viu o filho da patroa (EVARISTO, 2003, p. 98).

Aqui, uma questão que Conceição Evaristo traz nas entrelinhas, e parece mesmo gritar para o leitor: o racismo impera, ainda, na sociedade. As relações de poder, de opressão, de submissão, são ferramentas de ódio, de investida a abnegar, ao outro, direitos legítimos. De forma coerciva, a mulher, patroa de Bilisa, desloca-a para um patamar construído pela sociedade patriarcalista. Estamos falando de mulheres que são vítimas de inúmeras humilhações, violências, injustiças, etc.

Ao tratar Bilisa como "objeto", a mulher, no caso, a patroa – por ser do gênero feminino – é sujeita, também, a opressão. Audre Lorde, em "Não há hierarquias de opressão" (e aqui uma intertextualidade com o discurso proferido por Patricia Collins, 2015), ao tratar sobre o tema de que não há como destacar uma categoria opressora, uma vez que a mulher negra sofre diferentes tipos de subalternização, bem como não há como elencar "hierarquias de opressão", diz:

> Eu não tenho como acreditar que liberdade de intolerância é direito de apenas um grupo particular. E eu não posso escolher entre as frentes em que eu devo batalhar essas forças da discriminação, onde quer que elas apareçam

> pra me destruir. E quando elas aparecem para me destruir, não durará muito para que depois eles apareçam pra destruir você.[11]

Realizando um levantamento, estabelecendo um traçado histórico, social e cultural, acerca das relações afetivas e da solidão das mulheres negras, na Bahia, Pacheco (2013) analisa e destaca porquês da perpetuação da condição destas mulheres, enquanto sujeitos renegados pela sociedade. A mulher negra é vista e tratada de forma hipersexualizada, devido à opressão que sofreram (e ainda sofrem) historicamente.

À negra, é designado o papel de dar prazer, mas de nunca receber. Como se apenas fosse "feita" para proporcionar ao outro o gozo. Bilisa é representação de estereótipos justamente porque é subjugada e definida como objeto, como um "passatempo". O fato da personagem, que é a sua patroa, estimular a relação entre seu filho e Bilisa, mesmo sabendo que ele estava destinado a casar-se com uma colega de infância, atenta para a questão de que as mulheres negras, além de sofrerem hipersexualização e dominação de seus corpos, em detrimento do prazer alheio, se comparado à mulher branca, esta última é designada para assumir o papel de esposa, enquanto à primeira é determinado o papel de "outra", legitimando, assim, a solidão da mulher negra – embora outros fatores reforcem a questão da solidão de mulheres negras:

> A mulher negra e mestiça estariam fora do "mercado afetivo" e naturalizada no "mercado do sexo", da erotização, do trabalho doméstico, feminilizado e "escravizado"; em contraposição, as mulheres brancas seriam, nessas elaborações, pertencentes "à cultura do afetivo", do casamento, da união estável (PACHECO, 2013, p. 25).

Ao se deparar com a situação de roubo, além de ser hostilizada pela patroa, Bilisa vê-se na possibilidade única de conseguir recuperar o dinheiro que haviam lhe roubado. Iria prostituir-se na zona. Adquiriria assim, o dinheiro necessário para buscar os seus familiares. No entanto, com a popularidade e a vida hedonista, além da distribuição dos ganhos, que eram repartidos, tanto para a dona da casa em que trabalhava, como para Negro Climério – inserido, na narrativa, como alguém que protegia as prostitutas da zona – Bilisa acaba por "afundar-se" no trabalho, passa a ser conhecida como a estrela do local, deixando para depois, assim, o desejo de retirar seus familiares de onde estavam.

É necessário destacar a questão da prostituição como meio único para esta passar a "ganhar" dinheiro de forma rápida. Primeiro, é Bilisa a responsável por tirar seus familiares

[11] Conteúdo disponível em: <https://we.riseup.net/assets/171382/AUDRE%20LORDE%20COLETANEA-bklt.pdf>. Acesso: novembro, 2017.

de onde estavam. Possivelmente, não havia opções para esta, como bem destaca Hooks (2015), ao tratar sobre os assuntos relacionados à submissão e opressão sexista. E nesse caso, além de sexista, é classicista e racista. Como discute Carneiro (1993, p.11), a mulher negra é vista e tratada como uma fortaleza; como mulheres que estão longe do mito da fragilidade feminina:

> Afinal, que cara têm as mulheres deste país? Quando falamos do mito da fragilidade feminina que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós mulheres negras fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas este mito, porque nunca foram tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas como vendedoras, quituteiras, prostitutas etc.

Em determinada passagem, Bilisa relembra das vezes em que havia se relacionado com homens da vila em que morava. Era chamada de "puta" por dá-se ao prazer e assim se autoafirmava, pois "puta é gostar do prazer. Eu sou. Puta é esconder no mato com quem eu quero? Eu sou. Puta é não abrir as pernas para quem eu não quero? Eu sou." (EVARISTO, 2003, p. 99).

O surgimento de Bilisa, na narrativa, deu-se devido a Luandi, pois esse passa a frequentar a zona, com o Soldado Nestor, que, por sinal, não gostava da moça, por esta ser "mulher-dama" e por acreditar que Bilisa poderia estar tentando "enganar" Luandi, muito embora continuasse frequentando o local de prostituição e continuasse relacionando-se com "mulheres-dama". Apesar disto, o moço, irmão de Ponciá, apaixona-se por Bilisa. Esta era, para ele, "mulher-estrela-maior." Com a iniciativa de tirar Bilisa da zona, Luandi queria que ambos passassem a morar juntos. Estava juntando dinheiro para que pudesse comprar um barraco. No entanto, havia um empecilho: Bilisa possuía uma pendência com Negro Climério, pendência esta não revelada na narrativa.

Assim, sabendo do envolvimento da moça com Luandi, além do problema referente à pendência, Negro Climério mata Bilisa. Dessa forma, Evaristo aborda, em sua narrativa, assuntos extremamente atuais e, ao mesmo tempo, tão antigos. Assuntos como violência doméstica, racismo, feminicídio, pobreza. Ou seja, relações de gênero, classe e raça.

Bilisa é a representação da mulher negra estereotipada, abordada na narrativa como uma moça que tinha o propósito de melhorar a vida de seus familiares, mas injustiçada, subalternizada, termina como muitas mulheres negras brasileiras, vítimas de opressão, de violência, de morte. Adichie (2015), relembrando de um determinado acontecimento,

relacionado ao fato de como profere seus discursos feministas, afirma que devemos sentir raiva. Devemos sim reverberar raiva, pois a partir dela, podemos construir mudanças significativas.

A importância do lugar de fala, para além da alteridade contida no discurso, no caso, literário, é também militância. É denúncia, é buscar o não silenciamento. E mesmo que haja significado no silêncio, como bem discutido por Orlandi (2007), o silêncio a que nos referimos, aqui, é perpetuação de opressão. A voz da mulher negra, mesmo que (muitas vezes) abafada pela grande hegemonia de discursos patriarcalistas, felizmente, ressoa em grandes e muitos âmbitos da sociedade. Como disse Evaristo (2009, p. 10): "Falamos para exorcizar o passado, arrumar o presente e predizer a imagem de um futuro que queremos". E o quão importante é difundir o grito e a luta das mulheres: sejam negras, brancas, não-brancas, cisgênero, transexuais, heterossexuais, homossexuais ou bissexuais.

3 CONCLUSÃO

Em 2015, o Mapa da Violência[12] divulgou o índice de homicídio de mulheres no Brasil. Segundo a pesquisa, a taxa de homicídios de mulheres brancas caiu, entre 2003 e 2013, cerca de 9,8%. No que diz respeito à taxa de homicídios de mulheres negras, no mesmo período, cresceu cerca de 54,2%. Romio (2013), ao se referir às taxas de mulheres que buscam realizar denúncia/prestarem queixa contra seus agressores, diz que o número de casos não registrados por policiais é maior entre as mulheres negras, isso porque estas não são levadas a sério. Ou seja, além de serem violentadas, ao decidirem prestar queixa, são, ainda, ignoradas por quem lhes deveria ajudar.

Ao trazer para o âmbito literário a questão de romper silêncios, e por ter lutado para conquistar o espaço que é majoritariamente do homem, de classe média alta, branco e heterossexual, Conceição Evaristo centraliza o discurso e as problemáticas de teor marginal, dando voz e vez a sujeitos oprimidos.

É militância e luta feminina. A partir do momento em que mulheres negras decidiram criar o movimento *Black Feminism,* a fim de lutarem por pautas que atendessem suas necessidades, frente a uma sociedade que visa estigmatizar as suas identidades enquanto mulheres negras, estas mulheres exalaram e continuam exalando empoderamento. Poder esse

[12] Informação disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em: agosto de 2017.

que vem galgando espaços em muitos âmbitos sociais, e, consequentemente, culturais. A partir de uma herança marcada pela opressão, pela subalternização, as mulheres negras resistem e fazem isso de maneira extremamente poderosa.

A necessidade de discutir acerca de privilégio, de opressão, de diferenças, parte para um resultado esperado futuramente. É preciso romper com os muitos silêncios, como disse Conceição Evaristo, porque só assim, através da fala, é possível promover mudanças genuinamente dignas para quaisquer seres humanos, e, ainda mais, para todas as mulheres, sejam elas: negras, brancas e não-brancas, etc.

Ponciá é resistência. É memória e esquecimento. É uma moça múltipla em sua instância e é, também, desconhecimento de si. A indiferença consigo mesma toma grandes proporções, de modo que a personagem aparenta ser alguém estática, quando, na verdade, ela estava resignada a ela mesma, buscando uma fuga, imersa em si. O rompimento dá-se ao ir embora, ao partir e ir ao encontro dos seus.

A personagem Bilisa, sendo representação estereotipada da mulher negra hipersexualizada, destinada ao outro como sinônimo de "objeto", é a voz de mulheres que também passaram e passam suas vidas sendo violentadas, sendo oprimidas por serem quem são; por não terem opções; que acabam tendo um final trágico. O não se calar dá a oportunidade de deslegitimar discursos destorcidos/modificados e implantados na sociedade.

Bilisa também é resistência. É uma mulher que em meio a inúmeras adversidades, resistiu até o fim. Embora tenha tido um final decorrente de uma realidade opressora, ao ser assassinada por Negro Climério, era, sim, sinônimo de resistência.

Como bem disse Adichie (2015, p. 48) "A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura". Em uma sociedade opressora, à mulher cabe o patamar mais baixo e a voz é silenciada. Quando se luta para que nosso discurso adentre, perturbe, e incomode o patriarcado/as forças de opressão, é para que sejam desconstruídas ideias e forças violentas contra nós, mulheres. E para, a partir de lutas diárias, pequenas ou não, que seja construído um futuro mais igualitário, no que diz respeito aos direitos, à ética, ao pensar o outro como Ser.

Que as narrativas femininas ganhem cada vez mais força e que as muitas Ponciás e Bilisas, no campo social, sejam não mais vítimas de opressão alguma. É utópico pensar em um futuro mais igualitário, de respeito, mas é mais do que necessário e importante quebrar silêncios e lutar. Como referido, a luta feminina resiste. Ainda bem.

ABSTRACT

The novel “Ponciá Vicêncio” by Conceição Evaristo depicts a contemporary setting characterized by the oppressive historicity of black people and their memories. The author develops the narrative around the character Ponciá, her family relations, and the relations with those she meets afterwards. The story concentrates on the search for identity and identity crises; on the presence of subjectivity, which is also influenced by the memory of oppression, in addition to searching for a rupture in the several ways through which subalternity stigma materializes. This way, this is a bibliographic study which focuses on discussing the otherness, the “ex-centricity” – since individuals are on the margins of society – of the main character, Ponciá, and of another character called Bilisa. Ponciá represents the silenced voices of black women, who suffers because of the oppressive reality. She under goes successive aggressions from her “man”, as well as becoming increasingly oblivious of herself, that is, removed from herself and the world. Bilisa portrays the poor and prostituted black women, regarded in a stereotyped manner. Unlike Ponciá, Bilisa has a tragic end as a consequence from a violent reality. Taking this into consideration, this research also examines questions about feminine submission and forms of resistance, in relation to the sexist, classist, and racist oppression.
Keywords: Conceição Evaristo. Black feminism. Identity. Contemporary literature.

REFERÊNCIAS

AIDICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CARNEIRO, Sueli. Identidade feminina. In: **Mulher Negra – Caderno IV**. São Paulo: Geledés – Instituto da Mulher Negra: 1993.

COLLINS, Patricia Hill. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: MORENO, Renata (Org.). **Reflexões práticas de transformação feminista**. São Paulo: SOF Sempreviva Organização Feminista, 2015.

COSTA, Suely Gomes Costa. Movimentos feministas, feminismos. In: **Estudos Feministas**, 23-26, setembro-dezembro. Florianópolis: 2004.

CRENSHAW, Kimberle W. A intersecionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. **Cruzamento**: raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf >. Acesso: outubro, 2017.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Rio de Janeiro: Editora Horizonte, 2012.

EVARISTO, Conceição. Dos sorrisos, dos silêncios e das falas. In: Liane Schneider; Charliton Machado. (Org.). **Mulheres no Brasil**: resistência, lutas e conquistas. 1ª ed., João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009. Disponível em: <https://b5af303c-a-62cb3a1a-s-sites.googlegroups.com/site/nossaescrevivencia/ensaios/SESS%2B%C3%A2O%20ESCREVIV%2B%C3%A8NCIA%20Ensaio%202.pdf?attachauth=ANoY7crkEbZiGHVOeiu-Fs89uy3sFv6diUAiDZuPfYnHpfa6AJLKFW6PocSyAkVW9lRtxX9W-9PkcLTd1erXcdPV0NDzj8DvWGvithUZ7XxQjECOyGKfEshuiQOubdqSg4GrD4zbFqKo6S1oTlpehDeMJgcbbLuU1N8DGSBlzJahAMcaSVI8yeJFL2DhAjbaEvP3RtBc4CTVdmO8s-yEaUJywTtUM3RxDDiI92Ew4UoIiXToC_bK5s8vNWlS0BQsVWlRlXWtslLMn15R0i-saSy-R6uY-rn3lg%3D%3D&attredirects=0 > Acesso em: novembro, 2017.

_____. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. Belo Horizonte: SCRIPTA, 2009.

_____. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o dicionário da Língua Portuguesa. 6. ed. rev. Curitiba: Positivo, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 16. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça**: Interseccionalidade e Consubstancialidade das relações sociais. Tempo Social, revista de Sociologia da USP. v. 26, n. 1, 2014, p. 61-73.

HOOKS, Bell. **Intelectuais Negras**. Revista Estudos Feministas, n.2, 1995, p. 464-478

_____. **Mulheres negras**: Moldando a teoria feminista. In: Revista Brasileira de Ciência Política. n.16. Brasília, jan-abril, 2015, p. 193-210.

_____. **Não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. Trad. Livre: Plataforma Gueto, 2014.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1991.

ROMIO, Jackeline Aparecida Ferreira. A vitimização das mulheres por agressão física, segundo raça/cor no Brasil. In: **Dossiê mulheres negras**: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Org. MARCONDES, Mariana Mazzini. et al. Brasília: Ipea, 2013.

JUSTINO, Luciano Barbosa. **Literatura de multidão e intermidialidade**: ensaios sobre ler e escrever o presente. Campina Grande: EDUEPB, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas – São Paulo: Editora Unicamp, 2007.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra**: afetividade e solidão. Salvador: EDUFBA, 2013.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Em busca da história contada ou: o que acontece quando o objeto começa a falar? In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo. **Discurso, memória, identidade**. Porto Alegre: Editora Luzzatto, 2000.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina**: vozes de permanência e poética da agressão. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. In: **Vents d'Est, vents d'Ouest**: Mouvements de femmes et feminisms anticoloniaux. Genève: Graduate Institute Publications, 2009. Disponível em: < https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjTx6W8z9jXAhVCfZAKHTzuBGoQFggnMAA&url=http%3A%2F%2Fbooks.openedition.org%2Fiheid%2Fpdf%2F6316&usg=AOvVaw3Q3EuHEY_moGrP7EkoftWk >. Acesso: outubro, 2017.